



**Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)**

# **Museu Pedagógico e Memória Educacional**

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



**Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)**

# Museu Pedagógico e Memória Educativa

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
M986	<p>Museu pedagógico e memória educacional [recurso eletrônico] / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-185-5            DOI 10.22533/at.ed.855201307</p> <p>1. Educação. 2. Memória educacional. I. Silva, Américo Junior Nunes da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. Esse livro, intitulado “Museu Pedagógico e Memória Educacional”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, pessoas com necessidades especiais...

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro, tendo a história e a memória como dimensões que potencializam o pensamento crítico. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS: EXPERIÊNCIA NA CASA DA DESCOBERTA	
Valéria Menezes Rodrigues da Costa	
Kátia Arruda Dias	
Rosana Maria do Prado Luz Meireles	
Edicléa Fernandes Mascarenhas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MULHER NEGRA E EDUCAÇÃO SUPERIOR: IMPASSES HISTÓRICOS E ATUAIS	
João Paulo Lopes dos Santos	
Núbia Regina Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
UM REVISITAR AS MEMÓRIAS EDUCACIONAIS: OS PRIMEIROS CURSOS DE MATEMÁTICA E AS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	
Américo Junior Nunes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ARTE E TRABALHO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE SEGMENTOS DA CLASSE TRABALHADORA	
Isabel Cristina Chaves Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
JUVENTUDE RURAL NO IFNMG – <i>CAMPUS</i> ARAÇUAÍ: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS JOVENS RURAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO TÉCNICA	
Fabiano Rosa de Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
<i>O CORTIÇO</i> NA SALA DE AULA: UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA	
Irenice de Oliveira Silva Santos	
Maria Aparecida Antunes Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8552013076</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>58</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>59</b>

## PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS: EXPERIÊNCIA NA CASA DA DESCOBERTA

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data de submissão: 25/05/2020*

### **Valéria Menezes Rodrigues da Costa**

CMPDI/UFF – SEMECT/PMN

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/6612075478524472>

### **Kátia Arruda Dias**

CMPDI/UFF – IFRJ

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/1098235404472333>

### **Rosana Maria do Prado Luz Meireles**

CMPDI/UFF – DESU/INES

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/7608500976832841>

### **Edicléa Fernandes Mascarenhas**

CMPDI/UFF – FEBF/UERJ

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/4769008821320295>

**RESUMO:** O presente artigo pretende relatar as vivências e as possibilidades experienciadas no Museu Casa da Descoberta e ressaltar o papel do Museu ao assumir uma função cada vez mais social e inclusiva, como atividade pedagógica significativa. Os dados foram coletados numa visita e observação que denominamos como uma pesquisa “o olhar sobre uma

experiência no Museu”, onde contemplamos alunos tendo vivências e experiências sensíveis nesse Museu. Este trabalho objetivou conhecer o Museu como espaço não formal de educação, aproximando o público que frequenta com experimentos construídos para facilitar a compreensão de princípios e leis científicas a partir da interação do papel social do Museu e da construção do conhecimento e o respeito à inclusão e a diversidade. Nas análises dos dados, observamos as interações dos alunos com necessidades especiais e os seus colegas de turma, frente a um ambiente rico em experimentações e explicações científicas como o Museu Casa da Descoberta. O resultado desta interação é positivo, devido a possibilidade do aprendizado em ciências e identificação dos fenômenos naturais, eventos cotidianos e elementos científicos que, em determinadas situações, poderiam passar despercebidos. Estes foram os princípios que nortearam a concepção do artigo, através do aprofundamento da vivência e da reflexão sobre vários fatores ligados à inclusão e diversidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação inclusiva, acessibilidade, comunicação, Museu Casa da Descoberta.

## THINKING ABOUT INCLUSE EDUCATION IN MUSEUMS: EXPERIENCE IN THE HOUSE OF DISCOVERY

**ABSTRACT:** This article intends to inform the experiences and possibilities experienced in the Museum of Discovery (Museu Casa da Descoberta) and to emphasize the role of the museum in assuming an increasingly social and inclusive role as a significant pedagogical activity. The data were collected in a visitation and observation that we call as a research “the look on na experience in the Museum”, where we contemplate students having sensory experiences in this museum. The objective of this research was to know the museum as a non - formal educational space, approaching the public that attends with experiments built with the intuit to facilitate the understanding of scientific principles and laws from the interaction of the social role in the museum and the construction of knowledge and the respect to the inclusion and diversity. In the analysis of the data, we observed the interactions of the students with special needs and their colleagues in the interactions of the students of the class in front of na environment rich in experimentations and scientific explanations that in the museum. The result of this interaction is positive, due to the possibility of learning in science and the identification of natural phenomenon, everyday events and scientific elements, which in certain situations could go unnoticed. These were the principles that guided the conception of the article, through deepening, experiencing, and reflection on several factors related to inclusion and diversity.

**KEYWORDS:** Inclusive education, accessibility, communication, The Museum of Discovery.

### 1 | INTRODUÇÃO

Com a finalidade de socializar uma parcela do nosso cotidiano e gerar reflexões sobre o contexto inclusivo, através da mediação docente, apresentamos a nossa experiência sensível com a visitação ao Museu Casa da Descoberta.

O Museu escolhido para vivenciarmos é um centro de divulgação Científica da Universidade Federal Fluminense, situado no bairro Boa Viagem em Niterói, que recebe visitas de alunos de escolas públicas e privadas desde o pré-escolar ao ensino médio. Tais visitas são guiadas por monitores que estimulam o uso dos equipamentos relacionados à Física e Química e explicam os conceitos científicos com ludicidade e de maneira muito informal.

Na ocasião da visita, utilizamos como metodologia a coleta de dados primários, por meio de pesquisa de campo. Em um dado momento, percebemos a chegada de uma turma para uma aula passeio, com alunos oriundos de uma Escola Pública Municipal. Resolvemos, então, acompanhar a visitação dos alunos dessa Escola Pública e observar novas leituras das experimentações e saberes. Os alunos observados tinham em média oito e nove anos de idade e do grupo, dois alunos apresentavam necessidades especiais, devidamente acompanhados por suas mediadoras.

Assim, a escrita grupal do trabalho contextualizou preferencialmente os estudos da Epistemologia Genética de Jean Piaget, de modo interdisciplinar, com as vertentes teóricas de Vygotsky, nas quais o grande viés que as circundam é o estudo do conhecimento nas interações do sujeito com seu meio, em sua evolução.

Segundo a teoria de Piaget, ao utilizarmos o Museu como recurso pedagógico, as vivências, a interação dos alunos com o espaço do Museu, com os objetos existentes e com os outros sujeitos, nas relações de construção do conhecimento que ocorrem dessas experiências sensoriais construídas e retroalimentadas, surgem novas construções no conhecimento e na aprendizagem desse indivíduo.

E para Vygotsky da teoria sociointeracionista, o desenvolvimento histórico acontece do social para o individual. Assim, o indivíduo se desenvolve, adquire cultura, linguagem, desenvolve o raciocínio por meio da atividade social e das relações que se estabelecem na mediação do sujeito e dos instrumentos criados por este.

Deste modo, a interação social favorece a aprendizagem. A ideia do Museu como um lugar que apenas consta o registro do passado e de um local onde devemos ficar quietos e somente observar, se transformou completamente e isso é algo muito positivo.

## 2 | NOSSO PERCURSO

A proposta do artigo tem como referência o acesso ao conhecimento de forma ativa, interativa e divertida, a acessibilidade, a comunicação, a inclusão no Museu, em relação à compreensão dos conteúdos vivenciados e apreendidos através dos experimentos para educação inclusiva, ressignificando as práticas pedagógicas tradicionais na área do ensino das ciências.

No desenvolvimento do estudo, tivemos como objetivo vivenciar uma experiência sensível no Museu, identificar e registrar os aspectos do local que mais nos causou interesse de estudo e que se articulasse com a diversidade e inclusão. Na visita ao Museu, tivemos a oportunidade de conhecer os experimentos e adquirir informações das atividades, através do monitor, que nos acompanhou e nos explicou todas as atividades propostas pelo Museu, além de nos conceder uma entrevista e responder nossas indagações, durante o tempo que estivemos lá.

Assim, em nossa visita, fizemos uma coleta de dados primários por meio de pesquisa de campo, registro das observações realizadas por meio de fotos, vídeos, entrevista com o monitor do Museu, com a professora da turma de alunos que também visitava o local e com a mediadora dos alunos com necessidades especiais.

Por fim, nessa visita, pudemos analisar a acessibilidade do ambiente, dos experimentos e da comunicação em prol do conhecimento. Na entrada constatamos uma falha na acessibilidade arquitetônica, sem a rampa de acesso e sem um banheiro adaptado no andar. Entretanto, observamos um bebedouro com acessibilidade inclusiva.

## 2.1 O museu casa da descoberta

Criada em 1999, a Casa da Descoberta é o Centro de Divulgação de Ciência da Universidade Federal Fluminense (UFF). O projeto é especialmente destinado à socialização do conhecimento científico e seu objetivo principal é tornar público como é possível aprender ciência de forma ativa e divertida, fora de uma sala de aula, por meio do contato direto com experimentos lúdicos, relacionados aos fenômenos comuns à vida diária. Nesse sentido, escolhemos o Museu interativo Casa da Descoberta por ser um espaço destinado à socialização do conhecimento científico.

Nesse Museu, as visitas são guiadas por monitores, em sua maioria alunos da UFF e do segundo grau de escolas públicas, especialmente treinados para guiar os visitantes pelos diversos equipamentos, sem utilizar jargões científicos, com uma linguagem acessível e adaptada para compreensão dos idosos, crianças, adolescentes com ou sem necessidades especiais. Além disso, o Museu possui intérprete de Libras, uma monitora capacitada para visita guiada para cegos.

O objetivo principal do Museu é participar do processo de ampliação dos níveis de alfabetismo científico dos indivíduos, conforme evidencia Soares e Silva:

Os museus interativos de ciências representam um espaço educativo complementar à educação formal, possibilitando a ampliação e a melhoria do conhecimento científico de estudantes, bem como, da população em geral [...] o papel educacional dos museus de ciências é muito maior do que simplesmente “dar aulas a crianças de escola” nesse ambiente. (SOARES; SILVA, 2013, p. 177)

Por fim, a Casa recebe público de qualquer idade e escolaridade, desde crianças do pré-escolar até alunos da própria UFF. Além disso, são mais de trinta experimentos interativos disponíveis para os visitantes interagirem orientados por monitores e professores.

## 2.2 O museu como recurso pedagógico para alunos com deficiências

O novo paradigma na conceituação dos Museus como espaços socioculturais, reflete a conscientização para a acessibilidade e a inclusão de um público diversificado e heterogêneo. Para tal, os elementos fundamentais na programação dos museus são a integração, a acessibilidade arquitetônica e todos os aspectos da comunicação.

Reconhecer o importante papel social ativo da Instituição Museu na construção do conhecimento, no respeito à diversidade e no incremento da qualidade de vida, é pensar em sua função de educação inclusiva não convencional.

A divulgação científica é uma prática social que vem sendo cada vez mais ampliada e desenvolvida e, nesse aspecto, os museus ganham destaque como locais de comunicação e de educação não formal. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido em tais instituições pode vir a complementar o ensino formal, estabelecido no espaço escolar e mesmo o informal, de modo a acrescentar ou modificar concepções obtidas por meio do senso comum. (INOCÊNCIO, 2012, p. 1)

É neste contexto que ressaltamos o Museu Casa da Descoberta com o seu atendimento, adaptado à diversidade do público, desde o monitor ao nos receber no espaço até a nossa experiência em observar diretamente uma turma da Escola Pública que estava, concomitantemente, em visita. Dentro dos conceitos citados, analisamos a acessibilidade do ambiente, dos experimentos e da comunicação em prol do conhecimento. Destacaremos a seguir, em especial, a presença de alunos com necessidades especiais e a nossa observação em relação ao ambiente e comunicação.

A aula passeio ao museu é uma ação não convencional que normalmente parte de um projeto pedagógico, que mesmo com os objetivos pré-organizados, o professor ou o mediador atuará em dinâmicas que atendam às expectativas dos alunos e dos novos interesses que surgem a partir da ação, para que todos os envolvidos nessa interação se beneficiem.

A Escola Regular tem criado condições que favorecem o interesse e a participação ativa dos alunos, com o objetivo de aquisição e assimilação dos conhecimentos, interação com o outro e o ambiente de forma inclusiva. Em destaque, os alunos com necessidades especiais, precisam ainda mais de estímulos e adaptações para o seu pleno desenvolvimento.

Observamos na visita que o aluno com Síndrome de Down demonstrava muita concentração e empolgação diante das explicações científicas e as suas experimentações nos equipamentos. Em conversa com a sua professora, pudemos receber informações que nos surpreenderam, pois, além da deficiência intelectual, o aluno tem como comorbidade a hiperatividade, o que não conjugava com o seu comportamento atuante e atento. Até mesmo os seus mediadores relatavam espanto e entusiasmo em vê-lo na busca do conhecimento.

Segundo informações, o aluno apresenta uma linguagem precária, gestual e pouco interesse nas atividades. O objetivo específico de sua participação na aula passeio, além do conteúdo programático, era o de estimular a sua linguagem especulativa, a relação interpessoal através da socialização, com regras e limites necessários, desenvolvimento na área cognitiva, atenção mais direcionada e seletiva e o desejo pelo aprendizado.

No término da visita, o professor de referência e a mediadora, enfatizaram sobre o comportamento do aluno durante a aula passeio: “Buscou a comunicação verbal, mesmo inteligível, se autorregulou na relação com os colegas e monitor e permaneceu atento à todas orientações e explicações, principalmente na busca de organização de pensamento, o que nos causou grande surpresa”.

Concomitantemente, uma aluna com deficiência intelectual e visual, pode experimentar com autonomia os experimentos, devido ao cuidado e adaptação na comunicação do monitor e do espaço amplo e claro, favorecendo a sua mobilidade. Após observá-la, solicitamos uma entrevista com a sua professora e mediadora, com perguntas sobre características comportamentais e a observação da aluna durante

a visitação. Informaram-nos que: “A aluna apresenta pouca autonomia nas atividades, dificuldades nas áreas da atenção e percepção auditiva, e que precisavam estimular em compensação à deficiência visual, e que por apresentar resistência diante dos limites e regras de convivência social, estavam desenvolvendo atividades extramuros. A aluna precisa de muitos estímulos nas habilidades cognitiva, psicomotora e linguagem verbal”. Como observações do comportamento da aluna no término da visitação informaram-nos o quanto ficaram satisfeitas com os resultados, pois a aluna conseguiu interagir respeitando as regras na utilização dos experimentos e atenta às explicações do monitor, fez algumas perguntas pertinentes a temática.

Os professores que nos atenderam com os relatos acima ressaltaram a sua satisfação com o Museu Casa da Descoberta como uma opção de recurso favorável à demanda adaptativa do currículo programático, em atendimento a todos os alunos em sua diversidade e inclusão.

Concluimos na observação direta com esses dois alunos e segundo informações obtidas, que aqueles alunos puderam vivenciar o prazer da autonomia em um espaço estimulante, enriquecedor de conhecimentos e seguro. E ainda, experimentaram as possibilidades do aprender e do verbalizar.

Nesse sentido, de acordo com Piaget (1988) e Vygotsky (2002), os estímulos sociais prazerosos apropriados na formação de um conhecimento, constituem recursos eficientes de ensino para que o aluno possa ressignificar a sua forma de perceber e estar no mundo, aprendendo com a ausência do medo.

### 3 | EPISTEMOLOGIA GENÉTICA DE JEAN PIAGET – SÍNTESE

A Epistemologia Genética formulada por Jean Piaget contrapõe ao apriorismo e ao empirismo, apontando que o conhecimento no desenvolvimento humano é gerado na interação do homem com seu meio a partir de estruturas existentes no sujeito. Assim, para Piaget o conhecimento se desenvolve na interação desse sujeito, com os objetos mediante a consolidação das estruturas do pensamento retroalimentados por experiências interativas que forneçam novos dados e gere uma superação de um estágio a outros subsequentes nas interações físicas e cognitivas do sujeito em seu meio vivencial.

Segundo Piaget, o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo): o conhecimento resulta das ações e interações do sujeito no ambiente em que vive. Todo conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou do mundo cultural. O conhecimento resulta de uma inter-relação do sujeito que conhece com objeto a ser conhecido. (MOREIRA, 1999, p.75)

No trecho acima Piaget mostra que a interação entre o sujeito e o objeto faz com que as estruturas sejam construídas ao mesmo tempo pelos dois, ou melhor, pela

relação estabelecida entre eles. A interação é mediada pela ação do sujeito, ou seja, todo conhecimento está, em todos os níveis, ligado à ação. As estruturas cognitivas do sujeito não estão prontas ao nascer, e o sujeito conhece e interpreta o mundo a partir de estruturas próprias, apesar de não serem estanques.

A interação do sujeito com o ambiente permite que esse indivíduo organize os significados em estruturas cognitivas. Nesse contexto, a maturação do organismo contribui de forma decisiva para que apareçam novas estruturas mentais que proporcionem a adaptação cada vez melhor ao ambiente.

O mais fundamental é que essa ação se dá numa interação que não permite apenas a construção do conhecimento, mas que é constitutiva do próprio sujeito. As relações que se dão com os objetos e com outros sujeitos já foram construídas em função de outras interações, carregadas de significações construídas anteriormente por outros sujeitos, assim, o sujeito se constrói ao mesmo tempo em que o conhecimento, de si, do outro e do mundo. Deste modo, o indivíduo, através de suas ações e interações com outras pessoas, grupos sociais, instituições numa construção efetiva e contínua, e suas vivências com o meio, é que levarão o sujeito a construir seu conhecimento. E o aluno com deficiência, através, de suas interações dentro dessas Instituições de Ensino é que irão lhe proporcionar o desenvolvimento de seu conhecimento.

Nesse sentido, quando Piaget afirmou que o verdadeiro direito à educação, não é somente o direito de estar numa escola, e que deve ir além da presença física, ele se refere também a ter as condições garantidas para um pleno desenvolvimento. Significa que o aluno deve ter o direito de poder usufruir de todas as coisas que a escola tem para oferecer e, acima de tudo, poder aprender. Esse conceito, ainda hoje, é incompreendido pelas escolas, pelos professores e pelas políticas públicas.

#### **4 | VERTENTE TEÓRICA DE VYGOTSKY – SÍNTESE**

Na perspectiva histórico cultural, Vygotsky (1989) fundamenta que o desenvolvimento humano está alicerçado sobre o plano das interações entre o contexto cultural e o sujeito: primeiro o desenvolvimento cognitivo no relacionamento com o outro para depois ser internalizado individualmente. Sendo assim, o desenvolvimento acontece na influência mútua, com as informações carregadas de significados sociais e históricos, intermediadas direta ou indiretamente pelas pessoas que nos cercam.

Desse modo, a interação social favorece a aprendizagem por meio da atividade social e das relações que se estabelecem na mediação do sujeito e dos instrumentos criados por este.

Nessa perspectiva, Vygotsky (2008) contribui em sua teoria com conceitos denominados de Zona de Desenvolvimento Iminente (ZDI) e de Zona de Desenvolvimento Real (ZDR), que caracteriza a fase do aprendizado já consolidado na criança, permitindo

que realize tarefas de maneira independente. Na ZDI por sua vez, para que seja capaz de executar a tarefa, a criança necessita da intervenção de um mediador, seja ele adulto ou outra criança mais capacitada. O que novamente valida a importância de conhecer o contexto social no qual o sujeito está inserido, para entender a estrutura de seu pensamento e favorecer um processo significativo de aprendizagem.

Precisamente a aula passeio ao Museu se apresenta como uma alternativa importante no processo de ensino-aprendizagem.

“[...] O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer” (VYGOTSKY, 2002, p.118).

Para Vygotsky (2002), a elaboração dos conceitos, espontâneos e científicos, representa a capacidade do pensamento, análise e generalização, que fazem parte das funções psicológicas superiores. Desse modo, decorrente da internalização de toda construção social, resulta a capacidade de formar conceitos e a sua ação.

Todo esse processo enfatiza o papel do professor como mediador na ZDI da criança, que através de suas práxis direciona a organização de conteúdo, despertando o processo de ensino aprendizagem.

“O ensino direto de conceitos sempre se mostra impossível e pedagogicamente estéril. O professor que envereda por esse caminho costuma não conseguir senão uma assimilação vazia de palavras, um verbalismo puro e simples que estimula e imita a existência dos respectivos conceitos na criança, mas, na prática, esconde o vazio. Em tais casos, a criança não assimila o conceito, mas a palavra, capta mais de memória que de pensamento e sente-se impotente diante de qualquer tentativa de emprego consciente do conhecimento assimilado”. (VYGOTSKY, 2001, p. 247)

Como vemos, o professor, na mediação dos seus alunos com ou sem necessidades educacionais especiais, precisa ser criativo e atento à diversidade para que, de acordo com as diretrizes da educação inclusiva, atenda a todos na inclusão e propicie mais estímulos ao desenvolvimento e aprendizagem.

Nesse mesmo sentido, ao buscar meios de adaptação e compensação serão integradas novas funções, em consequência da reação natural do indivíduo perante o déficit. E ainda sobre as crianças com necessidades especiais, Vygotsky (2002) afirma: “...a escola deveria fazer todo esforço para empurrá-las nessa direção, e desenvolver nelas o que está intrinsecamente faltando no seu próprio desenvolvimento”.

Diante desse contexto, a mediação no Museu, dentro dos conteúdos escolares, propiciará uma aprendizagem significativa como consequência natural da atividade que terá unificação dos aspectos volitivos, afetivos e funções mentais superiores, com o pensamento na esfera da motivação, de acordo com a teoria de Vygotsky.

## 5 | PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM MUSEUS

Temos muitas Leis que garantem a inclusão, entretanto mencionaremos apenas algumas como a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Declaração Mundial de Educação para todos de 1990, a Declaração de Salamanca de 1994, a Lei 10.048/00 que dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiências, a Lei 10.098/00 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, a lei 7611/11 que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado, a Lei 13.146/15 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) e a Declaração de Incheon, 2015.

Como podemos perceber, existem muitas Leis e Decretos que regulamentam a educação inclusiva, mas devemos estar atentos para garantirmos a formalização dessa concepção na prática. Na visitação ao museu, pudemos constatar a possível equidade de pessoas com necessidades especiais, interagindo com a Química, a Física e outras ciências.

Portanto, vemos a necessidade de implantação das Leis de acessibilidade em espaços onde anteriormente era impossível imaginarmos que tais pessoas pudessem fazer interações e vivenciarem, como presenciamos.

## 6 | INTERAÇÕES DO SUJEITO COM O MEIO

Durante todo o período que estivemos no Museu Casa da Descoberta pudemos perceber a interação dos adultos e crianças nas trocas de informações e conhecimentos, através dos experimentos e da convivência, como explica Prestes:

(...) Ao realizarmos juntos uma tarefa, com uma criança ou um adolescente, ou adulto, há uma possibilidade de, em algum momento no futuro, ele fazer independentemente o que fazia com a nossa ajuda. Ou seja, aquilo que fazíamos juntos estará na iminência de fazerem de forma autônoma. A atividade coletiva colaborativa (com colegas ou outras pessoas) cria condições para essa possibilidade. (PRESTES, 2013, p.299)

A relação construída na execução de uma aula criativa e vivencial, cria a possibilidade de autonomia e aprendizado, através da aprendizagem coletiva colaborativa, que pode acontecer em um espaço exploratório, como o Museu.

Nesse sentido, o novo paradigma na visitação ao Museu do local aberto às pessoas com deficiências diversas e sua participação ativa com possibilidades de interações e de modificação do seu comportamento foi construída de maneira muito positiva, tendo em vista que antes não podíamos imaginar tal questão.

## 7 | METODOLOGIA E RESULTADOS

A nossa visita ao Museu, tinha o foco na inclusão e diversidade, portanto, para vivenciarmos a visita com um olhar sensível e crítico, e ao mesmo tempo com sustentação teórica, identificamos e registramos os aspectos do local que mais nos causou interesse de estudo e que se articulasse com o contexto inclusivo educacional. Assim, em nossa visita utilizamos como metodologia uma coleta de dados primários por meio de pesquisa de campo, registro das observações realizadas por meio de fotos, vídeos, entrevista com o monitor do Museu, com a professora e a mediadora de uma turma de alunos que também visitava o local. Além disso, utilizamos para a elaboração deste artigo a pesquisa bibliográfica, revisão de literatura, por meio de livros e artigos científicos disponíveis em sites confiáveis.

Os resultados verificados foram que, o acesso ao conhecimento de forma ativa, interativa e divertida, a acessibilidade, a comunicação, a inclusão no Museu em relação à compreensão dos conteúdos vivenciados e apreendidos através dos experimentos para educação inclusiva, ressignificando as práticas pedagógicas tradicionais na área do ensino as ciências, são possíveis e acontecem nesse espaço.

Trabalhar o ensino de ciências de maneira não usual, rompendo com os limites de um espaço de educação não formal como o Museu, mobiliza uma forma de entendimento e compreensão mais significativos. A parceria estabelecida entre Museus e escolas se constitui em ganho na aprendizagem por parte dos alunos, tornando-os protagonistas de seu próprio processo de ensino. Através dessa vivência com os experimentos, percebemos o Museu como espaço que visa impulsionar funções educacionais e sociais promovendo o conhecimento à sociedade em geral. É isto, também, que o caracteriza como espaço não formal de educação e de grande relevância para a produção de saberes.

Através da observação direta com os dois alunos e, segundo as informações obtidas, concluímos que no Museu Casa da Descoberta, os alunos puderam vivenciar o prazer da autonomia em um espaço estimulante, enriquecedor de conhecimentos e seguro.

## 8 | CONCLUSÃO

Como vimos, a teoria de Vygotsky apresenta aspectos que se complementam com a teoria de Piaget. Vygotsky entende a evolução do desenvolvimento humano através da socialização, enquanto, Piaget aponta as fases do desenvolvimento em sua teoria pautado por estas fases. O artigo trouxe estes dois teóricos, fundamentais para compreensão do desenvolvimento do ensino aprendizagem, fundamentando a nossa análise.

O desenvolvimento, na perspectiva de Piaget, orienta os educadores na estruturação dos seus planejamentos de acordo com cada fase da vida da criança. Já Vygotsky destaca a importância da interação da criança com o meio e nos leva à reflexão de que a escola é

um grande meio socializador da criança e baseada nesta teoria pode desenvolver diversas perspectivas de modo a estimular ainda mais o desenvolvimento, como o fato em questão na visitação ao Museu Casa da Descoberta.

## REFERÊNCIAS

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdinando. Educação ambiental e educação não formal: um estudo de caso na perspectiva de um museu interdisciplinar. In: **seminário de pesquisa e educação da região sul IX**. (IX ANPED SUL), 2012, p. 1-13.

MOREIRA, Marco A. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

PRESTES, Zoia. “**A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas Considerações**”. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 295-304, maio/ago. 2013, p. 299.

SOARES, Charles Tiago dos Santos; DA SILVA, Ana Maria Marques. **Escolha e controle em um ambiente musical: um estudo com professores de Ciências**. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 18, n. 1, 2013, p. 177-198.

VYGOTSKY, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 1, 3, 4, 5, 9, 10

Arte 35, 37, 38, 39, 40

### B

Bahia 12, 17, 22, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 34, 35, 48, 56, 58

Brasil 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

### C

Classe 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 37, 40, 52, 53

Classe Trabalhadora 37, 40

Comunicação 1, 3, 4, 5, 10, 32

Cultura 3, 13, 23, 27, 28, 29, 35, 36, 38, 40, 45, 58

### E

Educação 1, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 58

Educação Inclusiva 1, 3, 4, 8, 9, 10

Educação Não Formal 4, 10, 11, 37, 40

Educação Superior 12, 16

Educação Técnica 41

Emancipação Humana 37, 38, 40

Ensino de História 48

Escolarização 12, 13, 16, 20, 25, 26, 50

Escolas Técnicas 41

Estrutura Social 17, 40

Experiência 1, 2, 3, 5, 31, 38, 39

### F

Feminismo 14

Formação Lúdica 22, 24, 32, 33, 34

### G

Gênero 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 37, 40, 43, 44, 47, 56

## H

História 15, 18, 21, 23, 24, 27, 28, 30, 35, 36, 38, 48, 49, 50, 53, 55, 56, 57

## I

Identidade Docente 28, 34

Institutos Federais 41, 42, 43, 44

## J

Juventude Rural 41, 43, 44, 45, 46

## L

Licenciatura em Matemática 22, 24, 31, 34, 58

Literatura 10, 18, 48, 49, 50, 56, 57

Ludicidade 2, 23, 24, 32, 33, 34, 58

## M

Mediação 2, 3, 7, 8, 34, 37, 38, 40

Memórias 22

Mulher Negra 12, 13, 14, 15, 19, 20, 53

Museu Casa da Descoberta 1, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11

Museu Pedagógico 57

## O

O Cortiço 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57

## P

Pesquisa 1, 2, 3, 10, 11, 12, 13, 16, 20, 21, 28, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 51, 57, 58

Processo Histórico de Escolarização 12

## S

Sala de Aula 4, 48, 56

Sucessão Rural 41, 43, 44, 46

## T

Trabalho 1, 3, 4, 12, 13, 15, 19, 20, 21, 23, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57

## U

Universidade 2, 4, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 43, 56, 58

## V

Vale do Jequitinhonha 41, 42, 43, 44, 46, 47

# Museu Pedagógico e Memória Educativa

[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 

# Museu Pedagógico e Memória Educativa

[www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br) 

[contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br) 

[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora) 

[www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br) 